

2 O MEU CORPO E O SEU ESPELHO: A EDUCAÇÃO E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A educação infantil é uma variável significativa na vida do indivíduo, pois as melhores oportunidades educacionais contribuem de forma decisiva para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Como enfatiza Henriques (2002), o avanço no sistema educacional tem peso fundamental para a mobilidade social. O autor apresenta dados que argumenta a tese de que há uma desigualdade racial estrutural em nossa sociedade. Há também uma sub-representação dos negros no sistema de ensino. Na década de 1990, os indicadores revelavam que, em relação à distorção entre idade e série, havia uma diferença que oscilava de 20 a 25 pontos percentuais entre brancos e negros para todas as séries escolares, o que é praticamente constante em toda a década. Em seu estudo, Henriques (2002) demonstra que nascer negro, no Brasil, está relacionado a uma maior probabilidade de crescer pobre. Por essa razão, torna-se importante para a criança negra frequentar a educação infantil, visto que, nessa etapa, ela desenvolve suas potencialidades para dar seguimento às demais fases da escolarização. No início da vida escolar, a criança negra já enfrenta preconceitos decorrentes do racismo.

Nesse sentido, vale pontuar a importância do professor na construção de uma educação antirracista. A intervenção através de uma pedagogia antirracista é fundamental para uma ação efetiva da educação frente às situações responsáveis pela trajetória acidentada de muitas crianças negras. As barreiras encontradas precocemente são um dos motivos que fazem o alunado negro evadir do sistema escolar (HENRIQUES, 2002). No ano de 1992, 53% das crianças de 8 anos de idade não completaram a 1ª série do ensino fundamental; destas, 17,8% nunca frequentaram a escola ou estavam cursando creche ou pré-escola; e os 35,5% restantes estavam frequentando a 1ª série ou não chegaram a concluí-la. O século XXI teve avanços no que toca à ampliação da escolarização para negros, porém ainda ocorre a persistência da desigualdade ao se comparar negros e brancos. O Relatório de Observação nº 5: as desigualdades na escolarização no Brasil (2014), do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, identificou:

[a] situação de baixa escolaridade no conjunto da população brasileira e as evidentes desigualdades no acesso e permanência na escola. A média nacional de 6,9 anos de estudo em 2005 é para 7,9 anos em 2012, ainda abaixo dos 9 anos estabelecidos como ensino fundamental. As distâncias entre os grupos populacionais estão diminuindo, mas a desigualdade persiste: em 2012, a escolaridade média no Nordeste foi de 6,7 anos, enquanto que no Sudeste foi de 8,5 anos; na zona rural foi de 5,1 anos, enquanto foi de 8,4 anos na área urbana; entre pretos e pardos foi de 7,1

anos, e entre os brancos, 8,7 anos; entre os 20% mais pobres, 5,3 anos, e entre os 20% mais ricos, 10,5 anos. (p. 11).

A pesquisa demonstra que a desigualdade de escolarização entre negros e brancos ainda permanece. O documento traz também as recentes pesquisas sobre a oferta de creche entre negros e brancos:

Mesmo com o aumento significativo da oferta de creche verificado no período, apenas 21,2% das crianças de 0 a 3 anos foram atendidas em 2012 – em 2005, a taxa era de 13%. As piores situações estão na zona rural, apenas 9,4% de atendimento; na região Norte, 7,6%; e região Nordeste, 17,2%; entre os 20% mais pobres, 12,3%; entre os pretos e pardos, 17,8%. Em melhor situação estão as crianças das áreas urbanas: 23,5%, das regiões Sul (30,3%) e Sudeste (25,6%), assim como entre os 20% mais ricos, 41,9%, e entre os brancos, 24,7%. (p. 12).

Ao retomar os estudos de Henriques (2002), realizados na década de 1990, e os indicadores atuais de desigualdade social, é possível constatar a importância da educação infantil para o rompimento das desigualdades e para o avanço no sistema de ensino. Outro fato importante é que a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2013 do IBGE constatou que 53% da população se declaram “pretos” e “pardos” no Brasil. O aumento do número de negros nos permite identificar um processo de aceitação, em decorrência das políticas de valorização da diversidade que culminam no aumento dos que se autodeclaram como negros. As políticas de valorização nos anos 2000 foram sendo estabelecidas dentro do espaço do governo federal, como afirma Jaccoud (2008, p. 132):

Ações no campo da educação e do mercado de trabalho têm sido igualmente adotadas, visando limitar a reprodução de estereótipos e comportamentos que afetam o acesso a oportunidades iguais e a possibilidade de usufruto. Observa-se ainda o desenvolvimento de programas de valorização da cultura e da história negra, reforçando não apenas a identidade desse grupo como a própria identidade nacional, no sentido de ampliação do reconhecimento de sua diversidade e riqueza, tanto no que se refere à origem como à composição atual, num mundo cada vez mais competitivo e homogeneizador de culturas e comportamentos.

As recentes políticas de valorização do povo negro, como a lei nº 10.639/03 tornam obrigatório que a história e cultura afro-brasileira e africana estejam presentes no currículo escolar, o que colabora para desconstrução do racismo, da rejeição à diferença e à cultura do outro. Assim, aprende-se que as dessemelhanças não desqualificam o outro e que todos têm direito à cidadania e à igualdade de condições, independente de sua cultura e religião.

A valorização da cultura negra e o respeito às diferenças são fundamentais para o estabelecimento de relações raciais que não reproduzam a estrutura mental difundida pela ideia de superioridade racial dos brancos sobre os negros. Nesse sentido, os programas de

valorização do negro são mecanismos de fortalecimento para a erradicação do racismo e para a construção de uma autoimagem positiva para as crianças, pois, como visto até agora, elas percebem suas especificidades a partir da convivência com a pluralidade e a diversidade. As ações de intervenção no campo da educação infantil devem ser trabalhadas em sala de aula de forma a abordar as diferenças de modo positivo.

A produção nacional sobre educação infantil e no campo dos estudos para as relações étnico-raciais (ERER) tem crescido fortemente no Brasil desde a última década do século XX e ao longo dos primeiros anos da década de 2000. Destaco os “Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade Cultural” (BRASIL, 1997) e o “Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana” (lei nº 10.639/03), entre outras publicações do Ministério da Educação (MEC). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 90) apontam, em relação à diversidade, que a “educação escolar deve considerar a diversidade dos alunos como elemento essencial a ser tratado para a melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem.”

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), elaboradas pelo MEC (BRASIL, 2010), resultam do reconhecimento dado à criança em decorrência dos Movimentos Comunitários, Movimentos dos Trabalhadores, Movimento das Mulheres, Movimentos de Democratização que culminaram em avanços para a educação infantil no Brasil. A organização das DCN visa direcionar de modo inédito a educação para a faixa etária de 3 anos em creches, assegurando práticas junto às crianças de 4 a 5 anos com o intuito de desenvolvê-las plenamente sem antecipar os conteúdos que irão compor o ensino fundamental.

A resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, do MEC, fixa as diretrizes que devem direcionar a atuação das escolas frente a essa etapa, em relação à organização das propostas pedagógicas, avaliação, práticas cotidianas que em conjunto formam os princípios norteadores para E.I no Brasil. É importante salientar que no capítulo: Proposta Pedagógica e Diversidade, as DCN fornecem destaque aos princípios que visam como nortear o atendimento infantil. O trecho a seguir ressalta a afirmação:

[...] o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação. Portanto, o documento direciona as instituições para trabalhar com o respeito, com a valorização da identidade pessoal e coletiva de cada criança, dos seus familiares e dos profissionais e da própria unidade educacional. (BRASIL, 2010, p. 21).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) reconhecem que a identidade da criança é construída a partir dos espaços que ela frequenta sem discriminação de gênero, etnia, faixa etária e condições socioeconômicas. Dessa forma, as DCNEI valorizam as identidades plenas que dão origem à completude da criança, fator indispensável para o exercício da cidadania a que ela tem direito, segundo a Constituição Federativa do Brasil. Tais diretrizes pautam-se na ideia de igualdade de oportunidades a todas as crianças que estejam na faixa etária adequada para ingressarem na educação infantil, explicitando os direitos que estas possuem como cidadãs.

Na educação na primeira infância também cabe trabalhar as noções de respeito a si e ao outro, a brancos e a não brancos, através da inserção das histórias de seus antepassados e das culturas regionais. Tais medidas são fundamentais para se modificar o quadro do racismo, pois o espaço escolar será construído como um meio de se educar e cuidar através de práticas que respeitem a diversidade étnico-racial. Outro importante subsídio foram as “Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais” (BRASIL, 2006), documento que oferece referenciais para a abordagem da temática na educação infantil, fornecendo meios para se lidar com a diversidade.

Além disso, o MEC publicou o texto “Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais” (BRASIL, 2012). A obra trabalha com educação infantil nos contextos relacionados à educação das relações étnico-raciais, visto que a criança negra no espaço escolar precisa ter as suas singularidades atendidas enquanto criança e negra, a fim de que se tenha igualdade racial. A produção visa olhar para a primeira infância sob o ângulo da diversidade racial e da importância da política nacional infantil, com sua valorização e promoção da igualdade racial. Outro material é importante: “Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial” (BRASIL, 2012), que apresenta aos profissionais da educação infantil caminhos para a realização da educação das relações étnico-raciais no cotidiano escolar. E, por fim, cito a publicação “História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil” (BRASIL, 2014), que tem como finalidade reforçar os laços existentes entre Brasil e África, buscando ser uma ferramenta de apoio ao professor na reeducação das relações étnico-raciais em sala de aula. Os materiais elaborados pelo MEC são fundamentais para se modificar as relações raciais no espaço escolar.

Vários autores discorrem sobre diversas temáticas relacionadas à infância da criança negra no Brasil, como Silva Júnior (2012), que propõe meios de se modificar questões que persistem no âmbito escolar, como o racismo e o preconceito manifestado em relação ao negro em seu processo de entrada na escola. No texto: “A criança pequena e o direito à creche

no contexto dos debates sobre infância e relações raciais”, Rosenberg (2012) levanta discussões em torno da presença da criança negra na creche. A autora discorre sobre educação infantil e questão racial, de modo que suas pesquisas elucidam o trabalho de campo em desenvolvimento no espaço da creche, assim como estabelece reflexões sobre a diversidade racial e a importância de sua valorização para a criança pequena que se encontra em processo de formação identitária. Já na obra “Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar”, Eliane dos Santos Cavalleiro (2000) analisa a discriminação sofrida por crianças negras em sala de aula.

Nesse tema, destaco a coleção “Percepções da diferença: negros e brancos na escola”, cujo volume “Cabelo bom. Cabelo Ruim”, de Rosângela Malachias (2007), discute as discriminações sofridas pelas crianças negras devido ao seu cabelo, à questão da estética negra, além das formas que os professores podem lidar com a diversidade étnico-racial presente em sala de aula. A obra “Maternagem: quando o bebê pede colo”, de Maria Aparecida Miranda e Marilza de Souza Martins (2007), discorre sobre o conceito de maternagem e evidencia a sua importância na construção identitária dos bebês negros¹⁰. O trabalho de Fabiana Oliveira e Anete Abramowicz (2010) sobre relações étnico-raciais na creche, intitulado “Infância, raça e paparicação”, visa investigar as práticas educativas na creche e a questão racial existente. A obra “Superando o Racismo na Escola”, organizada por Kabengele Munanga (2005), reúne diversos textos que buscam mostrar o racismo como um dos problemas da sociedade brasileira e a importância de uma educação antirracista para combatê-lo. Para concluir, cito o estudo de Daniela Guimarães (2011), intitulado “Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética”, que nos oferece subsídios para tratar das relações entre adultos e bebês no espaço da creche observado.

Estudos que investiguem as relações raciais dentro do universo da educação infantil são importantes, visto que esta é a primeira etapa da educação básica e compreende um importante período para a criança de 0 a 5 anos, contribuindo para o desenvolvimento físico, motor, psicológico, cognitivo e afetivo. Essa fase educacional também se constitui em uma variável importante na trajetória da criança negra, pois é o caminho que possibilita a construção de suportes para se prosseguir dentro do sistema escolar.

O racismo à brasileira é velado e sutil, fazendo com que diferentes situações do cotidiano em que este se manifesta sejam quase sempre atenuadas e desvinculadas da

¹⁰ O presente estudo aborda questões muito sensíveis acerca do cuidar e educar na primeira infância. Dentro das questões levantadas, encontra-se a da maternagem, pois algumas mulheres que fazem parte do universo da creche não se identificam com os bebês. As relações raciais no ambiente escolar muitas vezes são construídas em consonância com a visão de cada um sobre o outro e suas diferenças. Desse modo, o exercício da maternagem ou sua ausência é estabelecido dentro das percepções do adulto frente às suas compreensões, conceitos e preconceitos, culminando assim sua postura corporal que este transmite à criança.

perversidade que representam. Transposta para o espaço escolar, tal postura torna admissíveis atitudes que demarcam a sistemática marginalização de crianças negras, transformadas em alvo de recorrentes “brincadeiras”, que resultam em sérios danos para sua autoestima e identidade.

O campo de estudos que tem como objeto de investigação as experiências das crianças negras com os seus cabelos crespos visa produzir literatura sobre o estudo das relações étnico-raciais na primeira infância. O processo de construção da identidade negra é permeado por conflitos que giram em torno do cabelo e do corpo negro, símbolos de pertencimento étnico e de lutas travadas em meio à complexidade de ser negro e se assumir enquanto tal numa sociedade que privilegia a estética, a cultura e a religião do branco em detrimento dos elementos culturais do negro, suas raízes e história. Dentro do campo estético, cultural e histórico está o cabelo. O cabelo crespo, portanto, não está inserido apenas no campo da estética e faz menção às raízes, sendo símbolo de identidade e resistência, demarcando a cultura e o pertencimento. Segundo Lody (2004, p. 65):

A arte dos objetos e a arte do corpo são expressão única de comunicação com o mundo. Elas traduzem os papéis sociais, os mitos, o trabalho, a busca da afirmação da pessoa no seu grupo, a conquista pessoal do pertencimento. Para a cultura africana o corpo é um espaço de manifestação artística, notadamente a cabeça, orí. Os cabelos e os penteados assumem para o africano e para os afrodescendentes a importância de resgatar, pela estética, memórias ancestrais, memórias próximas, familiares e cotidianas.

Desse modo, as manipulações em torno do cabelo remetem às práticas africanas que ganharam releituras no Brasil através da diáspora. O cabelo crespo, aqui, ganha sentido político, uma vez que está inserido em um processo histórico pautado por conflitos e representações negativas em torno do corpo negro. O racismo privilegiou o branco e sua aparência, trazendo consequências econômicas, sociais e políticas que afetam o negro, tornando a sua existência submissa à do branco. O cabelo crespo no Brasil ganhou novos sentidos, recriando conexões com a África, demarcando estilo, pertencimento, identidade positiva.

O estudo das relações étnico-raciais na educação infantil se constitui como aparato pedagógico para a desconstrução da ideia que vigora no senso comum da existência de um cabelo bom/cabelo ruim através da produção de conhecimentos que contribuam para a reeducação das relações raciais. A infância é o primeiro contato com o mundo, com descobertas, durante a qual começa a ser estabelecida uma rede de contatos com outras culturas e costumes. E é sob o olhar do outro que construímos nossa identidade. Ao tratarmos

sobre a importância da criança ter referências positivas para a construção de sua identidade, estamos nos referindo também a um contexto em que os sujeitos buscam suas origens. De acordo com Hall (2014, p. 109):

As identidades parecem evocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual eles continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou de “onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”.

É de suma importância a reeducação dos olhares, das falas e do conhecimento sobre o povo negro, sua história e participação na construção do Brasil. É preciso que a criança negra se veja na sala de aula, nos livros didáticos, na teledramaturgia, nas imagens, com representações positivas.

Nesse sentido, parto do pressuposto da importância de se investigar o ambiente da educação infantil. A dissertação pretendeu explorar a creche, segmento educacional pouco estudado no que tange aos estudos étnico-raciais. Os estudos de Fúlvica Rosemberg (2012, p. 12) ressaltam que “são poucos pesquisadores negros e brancos que se envolvem com o tema da educação infantil, a creche, e a criança pequena no contexto das relações raciais e no combate ao racismo.”

No ambiente da creche são construídos os primeiros suportes para a criança pequena. As experiências vividas nesse espaço são fundamentais para o seu desenvolvimento enquanto sujeito de direitos, como apontou a Constituição Federal de 1988 ao se referir à primeira infância. As conquistas trazidas pela Constituição desencadearam movimentos, discursos e produções no campo de estudos da primeira infância. Por isso, é preciso que se estabeleçam pesquisas no país sobre a criança pequena e as relações raciais.

Como assinala Rosemberg (2012) em seus estudos sobre políticas e práticas na creche, o conhecimento sobre o tema da educação infantil é vital para se produzir políticas e práticas que superem desigualdades raciais, regionais, sociais e etárias. No Brasil, o principal ativismo em prol da educação infantil é o Movimento Interfóruns de Educação Infantil no Brasil (MIEIB), o qual, segundo a autora, “não tem priorizado, em seus discursos e ações, questões relacionadas à educação infantil no contexto das relações raciais.” (ROSEMBERG, 2012, p. 19). Dessa forma, a produção de conhecimentos sobre o âmbito da pré-escola contribui, sobretudo, para o fortalecimento de ações que promovam a criação de políticas públicas de combate ao racismo.

Além disso, dar visibilidade à creche e às relações raciais presentes em seu espaço consiste simultaneamente na quebra do silêncio em torno do racismo e das formas correlatas de estigmatização do outro e no cumprimento legal dos direitos da criança tanto negra como branca de construir uma identidade positiva ao conviver com a diversidade étnico-racial presente em sala de aula e nos demais espaços sociais.

2.1 A sociedade nacional e o fenômeno do racismo: filme, movimento social e música popular

Procuraremos abordar aspectos da sociedade nacional que indicam e reforçam a permanência do racismo como elemento estruturante das relações raciais, ressaltando o fato de que as relações raciais estabelecidas na educação infantil são reflexos daquelas estabelecidas na sociedade abrangente. Para tal abordagem do tema, Frantz Fanon (2008) pode servir de suporte para explicar os mecanismos cotidianos que indicam a permanência do racismo nas relações entre docentes e crianças assistidas por uma creche do município do Rio de Janeiro.

Elegi alguns filmes, músicas, movimentos sociais produzidos pelas redes sociais, que retratam a existência do racismo e também do seu combate através do movimento de blogueiras negras. Desse modo, exemplificarei como, por meio de alguns filmes, músicas e da produção televisiva, ocorre a permanência e a reprodução do racismo no cotidiano da vida nacional.

Ao revisitar os conceitos fanonianos para analisar a sociedade brasileira contemporânea, deparei-me com a vivacidade de suas ideias e também de uma realidade que ainda se apresenta enraizada. A condição humana convive com as amarras advindas do racismo que estrutura as instituições sociais, tornando-as mecanismo de reprodução do preconceito e das formas correlatas de discriminação. Nesse sentido, observo a questão de como é ser negro no Brasil. Não é novidade para nós que se opera entre as camadas populares uma intensa desigualdade racial e que grande parte dos sujeitos atingidos é composta pelos negros. A cor no Brasil ainda vigora como empecilho para a ascensão de homens e mulheres. Defrontamo-nos com um quadro que se originou no colonialismo, mantendo-se atual por meio das mídias e das diferentes mensagens cotidianas calcadas no preconceito. O negro em nosso país encontra-se sub-representado nas esferas do poder político, nos livros didáticos,

nas telenovelas que os exibem em papéis de subalternidade, como empregadas domésticas ou sujeitos inescrupulosos da trama.

A linguagem cinematográfica é uma das formas possíveis de se conhecer a realidade sociocultural de um povo. O cinema retrata em suas narrativas os vestígios de várias épocas. Desse modo, por meio da ficção, questões ainda muito presentes no cotidiano brasileiro são abordadas, tornando visível para o público a construção da imagem do negro na sociedade. A pessoa negra continua sendo sub-representada dentro da sociedade, em um cenário, permeado pela exclusão e pelas delimitações de espaços de transição. Para exemplificar, destaco três filmes: *Pelo Malo* (2014), *Cores e botas* (2010) e *Lápis de cor* (2014) nos quais a questão da infância e do racismo se cruzam.

Apesar da produção não ser nacional, a obra cinematográfica *Pelo Malo* (2014), da venezuelana Mariana Rondón, aborda questões muito semelhantes às vivenciadas pelas crianças brasileiras. Em português, “pelo malo” significa “cabelo ruim”. A história trata de uma série de questões políticas e sociais da Venezuela, entre elas o lugar que a aparência ocupa na sociedade e o futuro construído a partir dos padrões demarcados como aceitáveis.

A trama envolve o encontro de Júnior, um menino pobre, negro, morador de um conjunto habitacional popular, e sua vizinha, uma menina branca, que estava acima do peso considerado ideal. Os personagens simbolizam os estereótipos que não possuem aceitação social, uma vez que escapam dos modelos de beleza impostos como universais. O cabelo e o corpo possuem significados culturais, políticos, estéticos e identitários que expressam ancestralidade, historicidade e representatividade no âmbito da cultura. Assim, *Pelo Malo* expressa como a diferença é enfatizada pela sociedade como algo a ser alterado para que se conquistem possibilidades de aceitação e mobilidade social.

As cenas da ficção nos possibilitam visualizar os conflitos com a aparência que permeiam a infância e promovem a rejeição do sujeito à sua própria imagem. Os personagens infantis vivenciam questões em torno de suas características estéticas e de como gostariam de ser. As ações de Júnior e sua vizinha giram em torno do sonho do menino de se tornar um cantor bonito e famoso, e da menina que deseja se candidatar a um concurso de beleza e se tornar miss. Para tanto, as duas crianças acreditam ser necessário alterarem de alguma maneira a sua aparência. Num ambiente carente de estímulos positivos, ambos inspiram-se nos programas televisivos a partir do momento em que a escola solicita que tirem fotos para o novo ano letivo. Os dois vão até o fotógrafo que os mostra uma série de opções de fotos temáticas, como jogador de futebol e miss. A possibilidade de serem fotografados bonitos e com profissões bem-sucedidas impulsiona as crianças a sonharem com mudanças em sua

aparência. A menina procura belos vestidos para se adequar à condição de miss na foto da escola, enquanto Júnior elege os cabelos como principal característica de seu corpo a ser transformada.

A criança de cabelos crespos e pele negra passou a construir o desejo de alisar os cabelos, rotulado pela sociedade como “ruim”. Os debates e anseios em torno da estética conduzem as conversas dos personagens e demonstram a dimensão dos conflitos em busca da aparência valorizada socialmente. O cabelo, símbolo da identidade étnico-racial, assume através dos olhares e inquietações de Júnior um ponto a ser modificado.

Em meio a essa complexidade, situa-se a presença de uma terceira personagem, a avó do menino, uma mulher negra, que promete ajudá-lo a alisar os cabelos para que ele se torne um cantor famoso e bonito. Durante os períodos em sua casa, a criança tinha os cabelos escovados. Júnior vivia o conflito de ter cabelos crespos e se reportar ao desejo de ter sua aparência alterada através das escovas feitas por sua avó. Além do alisamento realizado pela avó, outros procedimentos foram usados pelo próprio menino, tais como óleo e maionese. As tentativas de manipulação do cabelo e o desejo de um traje que ele acreditava ser próprio dos cantores de sucesso assustavam a sua mãe, pois ela colocava a masculinidade do menino em dúvida.

No momento em que as crianças tiraram a foto da escola, a menina vestiu-se de miss e Júnior apareceu sem os cabelos alisados. Durante o trajeto, ela foi ridicularizada pelas crianças que jogavam bola, as quais a chamavam de gorda. O próprio Júnior fez uma piada com a aparência da amiga, considerada “fora dos padrões de beleza”. A cena de Júnior revelou a tristeza da criança em aparecer na fotografia com os cabelos crespos e evidenciou o sentimento de rejeição que o impulsionava a intervir sobre os seus cabelos.

A produção de representações negativas a respeito dos aspectos físicos que fogem dos padrões dominantes de beleza assume sentido e significação no subjetivo do indivíduo, que se expressam em seus comportamentos e conceitos de si. No processo de formação identitária, a visão do outro é capaz de interferir na visão que temos de nós mesmos. Dessa forma, é possível perceber como os padrões eurocêntricos reforçados pela mídia atuam no imaginário social afetando o modo de ser e estar no mundo. As crianças da história de *Pelo Malo* são frutos desses conceitos hegemônicos difundidos nas propagandas, na internet e na visão do outro, que culminam no sentimento de inferioridade e baixa autoestima.

O filme *Cores e botas* (2010)¹¹ resgata os anos de 1980, uma época em que a infância tinha como parâmetro de beleza a apresentadora Xuxa, de um programa infantil na televisão brasileira, uma mulher branca e loira, que adentrava a casa de milhões de crianças por meio do seu programa. A imagem de Xuxa atraía meninas do Brasil inteiro; todas sonhavam em ser paquitas, mas nem todas podiam ser. As dançarinas da apresentadora eram brancas, loiras, detentoras de uma aparência que não condizia com o estereótipo de grande parte de seu público. O sonho de ser como a Xuxa inaugurou na realidade da personagem central do filme – uma menina negra de classe média – a desconstrução de um sonho, de um ideal de beleza. A indústria cultural tornou-se um dos veículos de reprodução do racismo, pois cria personagens que reproduzem uma imagem estereotipada do negro, visto como inferior cultural e esteticamente. A identidade do negro em meio a tais representações é fragmentada, pois ele é destacado através do olhar racista.

A telenovela, como demonstrou o documentário *A Negação do Brasil*¹², constitui-se como um dos grandes veículos de comunicação e também de propagação do racismo. As tramas fabricam personagens que representam as mulheres negras como bondosas cuidadoras da casa, sem muita instrução, quando não as colocam em papéis de quase pertencentes à família, dando seguimento às relações patriarcais presentes no Brasil escravagista. Dentro desse contexto, os negros são convidados a cumprir os papéis que lhes foram delegados pelos setores mais favorecidos da sociedade que, por meio de sua estrutura racista, cria modos de reproduzir nos espaços midiáticos a visão do colonizador sobre o colonizado. A dominação psíquica promove no negro o sentimento de inferioridade, pois ele é desqualificado e tem suas potencialidades invisibilizadas pelos mecanismos da dominação. Desse modo, vemos nas telas a manifestação dos discursos racistas em que o negro é retratado segundo o mito da democracia racial, que estabelece o lugar que o corpo negro ocupa dentro dos espaços sociais. Os homens e mulheres ainda são vítimas das velhas tradições das décadas de 1960, 1970 e 1980, quando os personagens negros das tramas só recebiam papéis de serviçais com ares de comediantes, sem muita seriedade.

O documentário *Lápis de Cor* (2014) acena para a infância, mergulhando no imaginário das crianças ao atentar-se para o modo como o racismo se estrutura. O trabalho apoia-se no recurso do desenho como mecanismo para se investigar as percepções de cinco crianças sobre cor da pele. Os desenhos infantis demarcaram a representação de pessoas

¹¹ O filme *Cores e botas* (2010) é um curta-metragem escrito e dirigido por Juliana Vicente.

¹² *A Negação do Brasil* (2000) é um documentário de Joel Zito Araújo e aborda a temática da representação do negro na telenovela brasileira.

negras com o fenótipo de pessoas brancas, o que traz à tona a presença da questão racial e da existência de conceitos formados sobre o belo existir apenas na estética branca. O relato das experiências do povo negro através da linguagem cinematográfica tem um importante papel na busca de reconstruções, de justiça e afirmações. Ao nos guiarmos por outros sentidos dentro de nossa própria história, alcançamos a recuperação de injustiças acometidas pelas narrativas eurocêtricas. Assim, o acesso ao real, ao que nos pertence é o início de um processo de resgate, e também de combate às representações estereotipadas que constroem um discurso de reforço aos racismos e as suas idealizações calcadas na negatividade do outro. Quando dialogamos com filmes e documentários que tratam da questão racial, observamos a quebra dos discursos patriarcais e o estabelecimento de um movimento negro fortalecido. Nesses debates, é preciso atentar para a importância de um cinema comprometido com a posição da “verdade”, pois os discursos ideológicos do cinema nacional se caracterizaram pela fabricação de visões estereotipadas sobre o povo negro e indígena. O esfacelamento de uma cultura, de uma história também se dá através do modo como estas estão sendo representadas.

Desse modo, comungo com Stam e Shohat (2006, p. 267), ao destacarem que: “A hipersensibilidade geralmente associada aos estereótipos tem origem, em parte, naquilo que se costuma chamar de ‘fardo da representação’. As conotações de ‘representação’ são ao mesmo tempo religiosas, estéticas, políticas e semióticas.” O fardo é disseminado pelas imagens que se apoiam em uma linguagem dilaceradora e politizada, pois carrega a ruptura do outro como portador de sua própria voz.

Nessa conjuntura, somos atravessados por campos de batalha que são materializados na mídia, nos livros didáticos, nas músicas, das redes sociais e na linguagem cinematográfica. Enquanto negros, estamos em caminhada a uma nova roupagem cuja essência do racismo que nos negativa seja extirpada dos meios de comunicação. Esse processo de reabilitação de nossa história e cultura é parte do nascimento de um repertório antirracista que se levanta em direção à derrocada da dominação impressa à nossa gente. No caso brasileiro, há uma forte desigualdade racial e a presença do racismo contra o negro reforça as visões imbuídas da ideia da inferioridade racial do negro e do seu registro histórico como sujeito (des)valor.

A mídia também opera no reforço e reprodução ao apresentar os negros como símbolo de delinquência, ocupando papéis sempre ligados à subordinação social. A visitação das imagens ocorre cotidianamente à casa de muitos brasileiros, ocupando, portanto, um lugar central dentro da sociedade, juntamente à escola. Ao analisarmos a representação social do corpo negro vemos que ainda ocupamos o lugar de desvantagem dentro das instituições

sociais. Ao mundo ainda são exibidos os nossos valores de modo folclorizado e assim a alma negra é apropriada pelo branco que nos oferecem suas máscaras. A infância sempre visita e revisita os filmes, desenhos, a TV e os livros e nesses encontros ela percebe e assimila o que é socialmente valorizado e elencado dentro dos critérios de valor como bonito e bem-sucedido. É nessa direção que a maioria das crianças negras se depara com a expressão do racismo.

O filme *Pelo Malo* (2014) dialoga em grande profundidade com o caso brasileiro, pois muitas crianças desejam ter cabelos lisos, querem embranquecer porque vêm carregados da ideia de que a boniteza está ligada a esse perfil. A linguagem do filme venezuelano nos leva a rememorar a infância, o lugar do cabelo do crespo dentro da cultura dessa infância. Visto que o racismo já produz nesta fase da vida o início de uma constante luta com o que somos e o que deveríamos ser dentro da sociedade. Enunciam-se as hierarquias de poder, ditadoras de um silenciamento que dói, marca, rompe, alimentando-nos de condições de sub-representação, condições essas de ocupantes do não lugar.

Esse vazio imposto culmina nas cenas de *Cores e botas* (2010), quando a menina negra deseja ser paqueta da Xuxa e descobre dolorosamente que ela não poderia ser, pois não havia negras ocupando o papel de dançarinas do programa infantil. Essa tensão vivida pela infância explica a questão do não lugar e da busca pelos padrões do branco, europeu. As mensagens contidas nas mídias nos convidam a enxergarmos o quanto somos capitalizados para embranquecer. Diante disso, temos a abertura de novos campos de batalha dentro da própria literatura infantil, cujo objetivo é dar aos negros o lugar de protagonista. Sendo assim, trago no presente estudo alguns livros paradidáticos para exemplificar a luta antirracista. A transformação desse quadro é algo fundamental para a reeducação das relações étnico-raciais, pois a teledramaturgia é acessada em grande escala pela sociedade. É vital, portanto, que haja representações positivas do negro e de sua cultura na grande mídia.

O clássico “Cinderela”¹³, que fez parte da infância da maioria das crianças, foi adaptado para uma versão que se chama “Cinderela e Chico Rei”¹⁴ traz uma princesa negra que encena a luta pela vivência de seus sonhos, os vendo serem realizados por uma fada madrinha, responsável por sua ida ao baile e ao encontro de Chico Rei. A história privilegia um conto de fadas que oferece à criança negra referências positivas. O livro “O pente penteia” (OLEGÁRIO, 2015) arrebatou o leitor com beleza e poesia. Num primeiro momento, parece fazer uma releitura antirracista da ideia de que não há pente que penteie o cabelo crespo.

¹³ A versão mais conhecida do clássico infantil é do autor Charles Perrault, de 1967. Mais informações disponíveis em: <//pt.wikipedia.org/wiki/Cinderela>. Acesso em: 18 out. 2015.

¹⁴ Adaptada por Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, com ilustração de Walter Laura.

Assim, somos convidados a mergulhar na fantasia como forma de reeducarmos os olhares de adultos e crianças dando espaço para a valorização da beleza negra. As suas páginas repletas de personagens negros permitem ao leitor infantil se ver na história e, portanto, ter aporte para construir-se enquanto detentor de uma história narrada sem atribuições que pesem negativamente sobre sua autoestima. Nessas buscas por uma literatura infantil que contemple as crianças negras, deparei-me com o livro “Que cor é a minha cor?” (RODRIGUES, 2005). O trabalho exposto nas páginas traz uma menina negra muito curiosa que navega entre os lápis de cor, entre os elementos da natureza para trazer comparações positivas, como por exemplo, sua cor de pele marrom é comparada com o café, com a madeira da árvore. O que propicia a criança um novo movimento de cunho libertador e possibilitador, pois dá espaço ao protagonismo negro. O surgimento dessas correntes literárias encabeçarão futuras gerações, descristalizando o racismo e deslegitimando distâncias dentro da organização social.

Nesse sentido, destaco “Meninas negras” (COSTA, 2010) como uma importante porta para a reeducação das relações étnico-raciais. O livro conta a história de três meninas negras fortalecidas pela sua ancestralidade, história e cultura que brincam, sonham e inspiram outras infâncias a ter a imaginação como arcabouço para se afirmarem no mundo. Nesses círculos literários, nasce “Zumbi dos Palmares” (COSTA, 2013) em forma de cordel. A história de luta, resistência e empoderamento chega até a infância para se ativar algo que está além dos bancos escolares, pois é revelador e emancipador. As palavras que tecem este capítulo carregam alma, nelas estão impressas os passos dados por uma educação antirracista. Nessas palavras navego até o livro “Mãe Dinha” (GALDINO, 2007), cada palavra do livro infantil carrega consigo a doçura de uma mãe, de uma avó negra, que consegue abraçar a todos como filhos e netos, estabelecendo laços de amor, segurança, comilanças, brinquedos e brincadeiras da mãe África. Em “Mãe Dinha” tem beleza, força, emoção e disso tudo nasce nossa composição. Nesse leque de livros está “Minha mãe é negra sim!”, um trabalho que cumpre um importante papel, visto que retrata o racismo sofrido por um menino negro na escola e os caminhos traçados por ele para recuperar a história de seu povo, não permitindo que ela seja embranquecida. Por meio de um desenho que ilustra a sua mãe como negra, um menino que se chama Eno descobre o quanto é preciso construir uma identidade negra fortalecida.

A literatura infantil que traz o povo negro como protagonista está lançando mão da quebra das imagens estereotipadas carregadas pelos livros paradidáticos no Brasil, que antes ostentavam apenas personagens brancos em suas histórias. O racismo expresso nesses livros significava para a vida social da criança negra a sua inserção nas rodas de piadas e olhares

distorcidos, o que gerava o fortalecimento da opressão. Desse modo, cortar o cabelo e alisá-lo expressa a maneira de muitos negros de fugir da desvalorização. Esse momento desencadeia o estalar dos danos psíquicos e o encarceramento do corpo. As imagens têm uma forte função ideológica, pois se constitui em um veículo de transmissão de mensagens que podem contribuir para o assentamento do racismo. Dentro dessa constatação, somos convidados a refletir sobre a presença do colonialismo: “Na verdade, muitas das afirmações escandalosamente racistas que são discutidas nos meios de comunicação não são nada menos que retornos a certos discursos colonialistas.” (STAM; SHOHAT, 2006, p. 290). As colocações que assistimos sobre a superioridade branca em detrimento do negro é comumente expressa nas imagens, nas mídias, nas músicas que são encarregadas de diluir o preconceito. Dessa forma, é preciso nos atentar também para a ideia do racismo como questão individual e não como questão política, um problema que exige uma pedagogia antirracista. As referências positivas são fundamentais para o resgate da autoestima do negro e para o combate ao racismo, pois contribuem para a resistência e a descolonização cultural.

Em 2015, estreou o curta *K-bela* no Cine Odeon no Rio de Janeiro, em um cenário de chuva, frio e cabelos coloridos, com todas as formas, estilos e trançados. O curta foi inspirado no conto da Mc K-bela, escrito pela cineasta Yasmin Tayná. A produção denunciou as dores de sermos negras dentro de um cotidiano pautado no racismo, onde o cabelo crespo é classificado como “ruim”, como algo que precisa “melhorar”. Dentro desse contexto, *K-bela* mostra de forma poética a transição de tornar-se negra e, indo além, o curta reúne jovens empoderados, apropriados de suas narrativas para expor as dores, os significados de sermos negras em uma sociedade que nos demarca como símbolo de fealdade. As cenas constituem-se num manifesto que descreve nossas questões mais íntimas, navegando pela nossa alma, ao traduzir as dores carregadas pelo corpo negro. A maioria das mulheres negras desde a infância convive com as referências do padrão de beleza eurocêntrico. O seu núcleo familiar (avó, mãe, tias, irmãos) foi condicionado a aprender que o seu cabelo é ruim, e escapa de um aspecto agradável por ser crespo, pois no imaginário social a cor de pele escura, já é um peso, e o cabelo deve ser transformado para não acentuar esse peso.

A mídia, a escola, as músicas, os filmes, os livros sempre trouxeram a ideia de inferioridade do corpo negro, da cultura negra, e como forma de escaparmos desse corpo socialmente desvalorizado nos vendiam o alisamento como solução. *K-bela*¹⁵ mostra na

¹⁵ O curta *K-bela* estreou dia 12/09/2015, e com ele estreou também um movimento inédito no cinema Odeon, localizado no Centro do Rio de Janeiro. Esse movimento enegreceu um espaço culturalmente frequentado pela elite carioca. *K-bela* abordou com poesia e realza as questões que perpassam pela vida da mulher negra.

grande tela do cinema a materialização de nossas dores, presente na cena do “cabelo de Bombрил”, a atriz passava sabão de lavar roupas em seus cabelos e o esfregava na panela. Muitas de nós já não ouviram esse xingamento, já conviveram com a dureza de ter que alisar os cabelos, embranquecer, fugir. A produção nos deslocou para reunirmos os nossos muitos pedaços e, assim, nos reconhecemos em K-bela, renascemos com K-bela. Naquele dia chuvoso, cheio de juventude negra, sentimos, gritamos, narramos nossa própria história, articulando meios de se promover a valorização do corpo negro, sua arte, história e cultura.

No Brasil, a cor da pele e a textura do cabelo e suas demais características fenotípicas são marcadores raciais produtores de desigualdades. E, como é sabido nas sociedades racistas que opõem brancos e negros, o ideal de aparência europeu é o modelo dominante, se exige uma aparência embranquecida para que haja aceitação e mobilidade social. Assim, desde a primeira infância, é forte a presença de apelidos e apontamentos relativos ao cabelo crespo, ao corpo negro. Nesse processo, embranquecer é esquecer as dores de ter a sua aparência questionada e sua identidade fragmentada pelo mundo branco.

O caso brasileiro liga-se ao que Fanon (2008) discorreu em “Pele negra, máscaras brancas”, ao relatar o separativismo entre o mundo do branco e o mundo do negro, criado sobre o alicerce do racismo e da estigmatização do outro. Nesse contexto, as construções de estereótipos sobre o negro e a representação social apenas dos valores do branco estruturam o negro a negar-se enquanto tal e a desejar ser branco. O racismo opera nos espaços sociais implicando na construção de sujeitos desejosos de uma identidade social positiva que, em outras palavras, está ligada à identidade do branco.

Na conjuntura brasileira das primeiras décadas do século XXI, em que o cenário nacional é marcado pela proposição e desenvolvimento de políticas racializadas conjugadas às novas tecnologias da comunicação e da informação (TICs), surgem *blogs*¹⁶ que reúnem mulheres e homens negros que discutem moda, política, autoestima visando a valorização da estética negra e destacando o cabelo crespo como símbolo de identidade e resistência. A beleza de ser o que se é nos remete à ideia de aceitação. Para o negro, aceitar-se é ir ao encontro de um processo de reflexão/conscientização sobre ser negro em uma sociedade que alimenta em seu discurso o racismo. Este é expresso nas mídias, no cotidiano das escolas, nas telenovelas, no cinema, na música e na internet. A mídia, por vezes, reproduz a imagem estereotipada do negro, vinculando-o à pobreza, à marginalidade, ao insucesso profissional, à

¹⁶ O *blog* ou *weblog* é umas das ferramentas de comunicação mais populares da internet. A pessoa que administra o *blog* é chamada de blogueira. Mais informações em: <www.infoescola.com/informatica/o-que-sao-blogs/>. Acesso em: 20 fev. 2015.

ausência de beleza. O negro ainda é mostrado no espaço midiático através de representações negativas.

Nessas circunstâncias, também surgem os contradiscursos dos movimentos antirracistas que utilizam as mídias para promover a ressignificação do ser negro dentro de uma sociedade que é nutrida por uma cultura racista. A ação de blogueiras negras via internet propaga uma releitura da estética negra por meio da valorização do cabelo e do corpo negro. Essas mulheres construíram no âmbito virtual um campo de luta que contribui para reconfigurar olhares sobre o cabelo e o corpo negro, o que torna a rede uma ferramenta para a reeducação das relações étnico-raciais.

O coletivo Meninas Black Power (MBP)¹⁷ possui uma função social para além do *blog*. As integrantes propõem um trabalho educativo, direcionado ao público infanto-juvenil e às mulheres pretas. Há também a possibilidade de entrada em espaços educativos, onde são realizados grupos de trabalho de acordo com a área de atuação de cada integrante do coletivo, tais como educação, histórico-político, comunicação, cultura, moda e beleza. As ações do coletivo consistem no combate ao racismo e ao preconceito voltados ao cabelo negro.

As mulheres que compõe o coletivo têm um importante papel na luta antirracista, pois compõem um movimento social que busca ressignificar o corpo negro, trazendo autoestima, conscientização sobre a positividade de ser negro para homens, mulheres e crianças através de uma perspectiva de comunidade negra.

Sabemos que o nosso cabelo carrega a nossa ancestralidade, nossas origens, carregamos a vida nos cabelos. O ativismo dessas mulheres negras oriundas de muitas realidades propõem mais do que reflexões, pois nos convidam para o fortalecimento que está para além da ideia de uma estetização negra. Em novembro de 2015 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), ocorreu o I Seminário Internacional Encrespando, organizado pelo Departamento de Direito da universidade, junto ao Núcleo de Estudos Constitucionais e Meninas *Black Power*. O tema do evento foi: “Refletindo a década internacional dos afrodescendentes (ONU- 2015-2024)”. Segundo a página do coletivo MBP, o evento visa discutir o entrelaçamento de questões de gênero, raça, orientação sexual, classe e resistência através da experiência de mulheres negras da América Latina e Caribe.

¹⁷ O coletivo é composto por mulheres pretas, com formação em diferentes áreas, que utilizam o cabelo crespo natural e compreendem o seu significado dentro da sociedade. O trabalho desenvolvido pelo coletivo busca valorizar os cabelos crespos através da conscientização das características naturalmente pretas. Além disso, visa despertar mulheres pretas para o valor que elas devem possuir aos seus próprios olhos. Ver: <www.meninasblackpower.blospot.com.br>. Acesso em: 15 fev. 2015.

Essa rede de mulheres é parte de muitas lutas e atua em prol da revitalização da nossa autoimagem. Essas somas estão dando frutos e criando estratégias de combate ao racismo que presenciamos em nosso cotidiano. No espaço desse movimento social, temos os afro-empresendedores que entram nesse circuito de luta e resistência, criando através de sua marca, acessórios, como faixas, laços, flores para nossas crianças e também para os adultos. A marca Lulu e LiLi¹⁸, por exemplo, pertence a Renata Moraes. A confecção de acessórios e roupas infantis se configura como um marco social, pois estimula a autoestima através da representatividade. Por meio de suas atividades educativas, as blogueiras promovem a reeducação de olhares de crianças, jovens e mulheres negras, que tiveram sua autoestima afetada pelas atribuições negativas do imaginário social sobre a herança africana presente no corpo afro-brasileiro. Além disso, com a ajuda de recursos midiáticos, o grupo compartilha imagens de mulheres negras bem-sucedidas, dá dicas de penteados, acessórios e produtos estéticos que auxiliam no momento da transição capilar (o processo de retorno ao cabelo natural, sem química). O *blog* divulga eventos de dança, arte e cultura negra e estabelece em seu espaço conexões que enriquecem o movimento de valorização das raízes africanas, dando destaque aos bailes *black* e encontros que buscam discutir “questões crespas” e suas ações como coletivo.

A internet agrega uma rede de mulheres que escrevem sobre as nossas mais diversas questões. As comunidades e *blogs* se constituem como formas de enfrentamento do racismo estrutural que opera em nossa sociedade, pois por meio das conexões midiáticas estabelecem aparatos de resistência ao racismo. A comunidade Preta e Acadêmica¹⁹ reúne mulheres negras que estão no ensino superior, destacando a luta pela ocupação dos espaços antes negados. Nesse espaço, é produzida a resistência contra o preconceito racial, suas amarras e formas de opressão. Os assuntos tratados percorrem temáticas feministas, espaços da mulher negra no mercado de trabalho, o papel da mulher negra na telenovela, se discute a representação, a visibilidade da pessoa negra e das questões que atravessam a cor da pele.

A página Mulheres Negras, Arte e Cultura na Baixada Fluminense²⁰ tem por objetivo enfatizar o protagonismo de mulheres negras na Baixada Fluminense²¹. Nessa direção são

¹⁸ *Fanpage* disponível em: <<https://www.facebook.com/LulueLiliAcessorios?fref=ts>>. Acesso em 17 nov. 2015.

¹⁹ Disponível em: <<https://pretaacademica.wordpress.com/>>. Acesso em 17 nov. 2015.

²⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/MulheresNegrasArtenaBaixadaFluminense>>. Acesso em 17 nov. 2015.

²¹ No Estado do Rio de Janeiro, entre a atraente e perigosa capital e um interior montanhoso e pouco habitado encontra-se a região que todo o Brasil conhece como Baixada Fluminense. É comum somente vê-la como um

apresentados ao público de curtidores uma série de materiais, notícias nacionais e internacionais vinculadas ao negro. Assim, são pontuadas as ações de intervenção contra o racismo que surgem através filmes, debates, manifestações que reúnem mulheres ativistas, que se deslocam ao encontro da reflexão, de posições políticas. Essas mobilizações na Baixada, lugar historicamente discriminado pelas ações do poder público, constituem-se também como construção de um novo protagonismo. Esse cardápio cultural que emana das mulheres negras da Baixada Fluminense nos convida para partilharmos da força, beleza e fé presente em cada uma de nós para que desse “nós” nasça a libertação.

O Blogueiras Negras²² se descreve como um *site* sobre sociedade e cultura. No decorrer de suas páginas podemos ler e refletir sobre o racismo, o feminismo, o machismo e as mais diversas histórias de luta e resistência. Assim como relata o protagonismo da mulher negra, que aos poucos floresce dando voz a quem antes vivia sob os domínios de diversos paradigmas, como o machismo. O *site* apresenta várias realidades, entre elas a da solidão da mulher negra, as dificuldades de superar os desafios cotidianos. Questões como a luta das mulheres transexuais, por espaço, reconhecimento, respeito, protagonismo midiático, são visibilizadas e conduzidas ao povo, entre diversas outras, pois são oriundas do povo e não podem ser silenciadas em prol de um modelo social excludente da especificidade do outro.

Dentro da diversidade de páginas na internet está o *site* Cabelo Afro é a Beleza²³, que trata sobre beleza e saúde, fornecendo dicas de cuidados para os cabelos crespos, inclusive com ensinamentos sobre as formas de resgatar o cabelo que sofreu com alisamentos. Desse modo, se tem um importante aparato para ensinar as mulheres de cabelos crespos a amar a sua textura capilar e suas diferenças. Temos então a nossa própria presença, somos apresentadas a nós mesmos, construindo autoestima de ser negro, pertencente à ancestralidade africana.

No contexto brasileiro, as meninas negras precocemente sofrem com apelidos e rotulações acerca do seu aspecto racial. Desse modo, a construção identitária é estabelecida em uma conjuntura pautada por visões estereotipadas sobre a estética negra. O assumir-se enquanto negro passa por conflitos e negociações, pois o belo ainda é visto como algo que

conjunto de casebres não ou mal rebocados, como um dos maiores bolsões de miséria do Brasil ou compará-la com as favelas cariocas. Tal comparação e visões não destoam da realidade imediata: as casas construídas de uma forma tosca ou mal finalizadas, a inexistência de serviços e aparelhos essenciais a uma sobrevivência urbana de qualidade, a função “dormitório” de vários municípios ali localizados e o controle que traficantes e “justiceiros” exercem em grande parte da Baixada, torna essa região um lugar não muito diverso de grande parte das favelas brasileiras.

²² Disponível em: <<https://www.facebook.com/blogueirasnegras?fref=ts>>. Acesso em 17 nov. 2015.

²³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/CabeloAfroABeleza?fref=ts>>. Acesso em 17 nov. 2015.

pertence aos padrões eurocêntricos, o que gera na pessoa negra o desejo de embranquecimento.

Assim, modificar a textura do cabelo representa não só um processo químico comum, mas é munido de significado para nós, negros, que identificamos na mudança estética novas possibilidades de representações positivas. Ter cabelos lisos aproxima a pessoa negra de um padrão socialmente aceito como referencial de beleza. A estética negra era vista como símbolo de fealdade, e é essa visão distorcida que os coletivos de blogueiras negras visam desconstruir. As páginas da internet voltadas para a valorização da estética negra contribuem para mostrar a riqueza que o cabelo crespo possui em sua textura natural. A beleza de ser o que envolve a conscientização de se assumir como negro e detentor de uma origem étnica africana, responsável pela “coroa” que forma cada *black power*.

A música é igualmente um importante meio de se preservar memórias, histórias e concepções sociais vigentes em cada época. As letras das músicas nacionais espelham e descrevem o lugar ocupado pelo negro na estrutura social. Nelas, podemos identificar tanto a visão social eurocêntrica quanto os movimentos antirracistas em prol da valorização da beleza negra. Os discursos racistas do século XX eram expressos em muitas canções que propagavam a representação estereotipada do corpo e do cabelo negro. O repertório musical manifestava o racismo com o negro. No que tange à mulher negra, havia a forte presença da sensualidade do corpo transformado em objeto sexual desprovido de sentido, enquanto corpo-sujeito.

Nesse cenário, posso apontar o seguinte trecho de uma das marchinhas mais famosas de carnaval, que expressa como as relações raciais eram pensadas e vividas entre homens brancos e mulheres negras: “O teu cabelo não nega mulata/ porque és mulata na cor/ mas como a cor não pega, mulata/ mulata eu quero o teu amor”. A letra de Lamartine Babo²⁴ e Irmãos Valença (1931), do carnaval de 1955, enfatiza o papel da mulata apenas como símbolo sexual. O contexto da década de 1930 apresenta um Brasil que se diz democrático racialmente, mas que reproduz nas relações raciais a subordinação do povo negro, a objetificação da mulher negra e o medo das misturas, pois a “cor não pega”. A representação do corpo feminino indica que o contato só é possível porque a cor não “pega”. O cabelo negro é apontado como principal indicador do pertencimento racial e da posição social da mulher negra. A cultura patriarcal, escravista e opressora vigorava na sociedade brasileira,

²⁴ Lamartine Babo (1904-1963) compôs canções de vários gêneros, tornando-se mais conhecido com pelas marchinhas carnavalescas. Ver: <www.e-biografias.net/lamartinebabo>. Acesso em: 12/ fev. 2015.

estabelecendo a legitimação da ideia da mulher negra como símbolo de desejo do homem branco, carregada da estereotipação construída no período colonial.

No jogo simbólico musical, nascem outras letras munidas de sentido político/ideológico que trazem a mensagem de como a imagem do corpo e do cabelo negro ainda é difundida como esteticamente feia e ruim. O cabelo negro é reproduzido no cenário musical de modo inferiorizado, como na letra de Luís Caldas e Luís Camaféu, escrita em 1985²⁵, “Fricote”, que diz: “Nega do cabelo duro/ que não gosta de pentear”. A mensagem principal indica que a estética negra era vista como desleixada, relacionada muitas vezes à ausência de higiene.

A relação entre estética e beleza dentro da musicalidade faz alusão ao racismo, que classifica e hierarquiza o corpo como bonito ou feio. A música acessa a todas as pessoas, adentrando também em um campo conflitivo, qual seja, o das relações raciais, construindo olhares eivados de preconceito. A letra foi escrita em plena década de 1980, quando o Brasil estava saindo de uma ditadura militar em plena abertura política, sendo palco de uma Nova Constituição, conhecida como Constituição Cidadã. Nesse período, o racismo foi prescrito como crime inafiançável, tem-se no país o movimento negro rediscutindo a identidade nacional através da desconstrução do mito da democracia racial. Os anos de 1980 são marcados pela luta de Lélia Gonzalez²⁶ e Abdias do Nascimento²⁷, figuras de suma importância para repensar as relações raciais no Brasil.

A música “Meu cabelo duro”, cantada pelo grupo Chiclete com Banana²⁸, apresentou ao público dos anos de 1990 o discurso racista que emergia em solo nacional. A letra tem trechos como “O meu cabelo duro é assim/ cabelo duro de pixaim”, trazendo a representação racista que reforça o sentimento de rejeição do negro pelo cabelo. A música teve alcance nacional, enunciando como o racismo ainda vigora enquanto condutor das relações raciais. Naquele período, o movimento negro tinha sua agenda alicerçada na esfera pública. Em 1990 houve a Conferência de Durban, na África, contra o Racismo, a Discriminação Racial, a

²⁵ Cantor de axé *music*, nascido na Bahia, em Feira de Santana. Ver: <www.wikipedia.org>. Acesso em: 10 fev. 2015.

²⁶ Lélia Gonzalez era feminista, antropóloga e filósofa uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU), lutou pelos direitos da mulher negra.

²⁷ Fundador do Teatro Experimental do Negro em 1944, militante do movimento negro e organizador do Primeiro Congresso Negro Brasileiro, em 1950. Mais informações disponíveis em: <cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/abdias_do_nascimento>. Acesso em: 12 fev. 2015.

²⁸ Chiclete com Banana é uma banda de Axé *music* brasileira que teve origem na Bahia nos anos de 1980. Ver: <www.wikipedia.org/wiki/Chiclete_com_Banana>. Acesso em: 12 fev. 2015.

Xenofobia e a Intolerância Correlata. Ainda nessa década houve as ações afirmativas como principal bandeira do movimento negro e o fortalecimento da luta de mulheres negras.

O espaço musical brasileiro foi permeado por músicas racistas, mas também por letras que exaltavam que “o negro é lindo”. Essa beleza é marcada na música “Nego do cabelo bom”²⁹, de Max de Castro e Seu Jorge (2002), que alimenta a positividade e a beleza ao recriar em seus versos uma conscientização sobre o ser negro. A letra que diz “Alisa ele não... Você é o meu negro do cabelo bom”, trata-se da valorização do cabelo crespo, o que configura uma ação de resistência e fortalecimento através da letra. No campo da música popular, a desconstrução de letras imbuídas de conteúdo racista é um marco para a efetivação de mecanismos construtores do antirracismo.

A mensagem é de persistência e reflexão, pois os apelidos e comparações pejorativas referentes ao cabelo existem e devem ser combatidos. Desde a mais tenra idade, o negro convive com os xingamentos a respeito da sua aparência. O cabelo crespo é um símbolo importante na construção de uma identidade positiva do negro. A representatividade positiva, portanto, constitui-se como um importante alicerce das lutas e resistências culturais travadas pela pessoa negra diariamente.

A letra de Ricardinho, “Cabelo crespo”³⁰, retrata as inquietações do negro com as falas, os olhares e apelidos que ainda persistem em pleno século XXI e culminam no nascimento de uma identidade calejada pelos efeitos do racismo. O verso que diz “Já alisei, já queimei minha cabeça toda” relata as tentativas de alisamentos para ingressar em um padrão branco. O embranquecimento traria aceitação, e ser aceito é algo que tem grande significado para o negro, pois sua imagem foi associada ao exótico pelos brancos, vistos como representantes da superioridade étnica.

A música “Cabelo”, escrita em 1990³¹ e imortalizada na voz de Gal Costa, vai ao encontro de uma perspectiva política, apresentando o cabelo que sente, vive, tem sentido histórico, estético e que remete aos descabelados e às suas raízes. No trecho “Cabelo pode ser bonito, cruzado, seco ou molhado” são demonstradas as formas de uso do cabelo e suas

²⁹ A música de Max de Castro estabelece em sua letra a beleza da negritude ao dizer em seus versos para o negro não alisar os seus cabelos. Ver: <<https://www.youtube.com/watch?v=TVdJ6H-5xDo>>. Acesso em: 2 mar. 2015.

³⁰ O cantor Ricardinho traduz em seus versos as vivências cotidianas de muitos negros com os seus cabelos crespos. Ver: <<https://www.letras.mus.br/ricardinho/1492671/>>. Acesso em: 2 mar. 2015.

³¹ A música de Arnaldo Antunes e Jorge Benjor destaca o cabelo como parte constitutiva da identidade do sujeito em seus diferentes aspectos e formas de uso. Ver: <<https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/91446/>>. Acesso em: 2 mar. 2015.

vivências enquanto parte identitária do sujeito. Com isso, a música brasileira também contribui para a produção de novos sentidos sobre o negro e sua estética, tendo em vista que realiza um movimento antirracista em torno das conquistas e dos discursos da comunidade negra, a qual se movimenta para desconstruir a posição delegada ao negro no Brasil.

No cenário contemporâneo, ainda estamos diante do racismo que debilita suas vítimas, pois desvaloriza sua linguagem, cultura, técnicas, fenótipo, sujeitando as minorias ao massacre psicológico. Para pensar a produção do racismo dentro da sociedade brasileira, utilizo a literatura de Frantz Fanon, da qual destaco a obra³² “Os Condenados da Terra” (1968), a qual traduziu os efeitos causados pelo sistema de dominação racial que fabrica concepções embasadas na ideia de existência de sub-homens, raças puras com poderes de estabelecer o extermínio cultural dos grupos vistos como inferiores.

Ao estabelecer um diálogo com o pensamento de Fanon é possível identificar que no Brasil existe a sobrevivência do racismo em uma estrutura que se difere da colonial, pois vigora através de novas roupagens. O racismo é institucional e permanece nos mais diversos espaços sociais, ele acarreta a discriminação nas ações estatais como os seus investimentos em saúde, educação, processos de seleção, nas ações das forças repressivas. Na publicidade, na ausência de representatividade positiva na televisão, nos livros didáticos, na valorização das pessoas com o tom de pele mais clara e com os cabelos lisos.

O racismo está nas pequenas ações do cotidiano, tecendo as relações raciais e alimentando nos sujeitos a ideia de inferioridade e crença nos valores, na estética e na história do outro como superior à sua. Dentro dessa perspectiva, o modelo de referências é eurocêntrico e são apresentados nas vivências da maioria de nós, negros. Por intermédio da escola, é possível perceber a existência de uma pedagogia racista, que desvaloriza o alunado negro através do material didático, do silenciamento frente à questão racial. A sala de aula reforça o racismo por meio de livros, brinquedos, histórias nas quais se nega a riqueza cultural do povo negro, o colocando como submisso dentro da sua relação com o branco. O racismo encontra a infância precocemente, quando os pequenos não se veem em seus brinquedos,

³² A identidade do colonizado é estigmatizada, pois sua cultura, suas raízes recebem o posto de exóticas, de algo curioso. O processo colonial inseriu uma cisão entre negros e brancos, delegando ao negro um papel de submissão às regras estabelecidas pelo colono. A estrutura das cidades coloniais, de acordo com Fanon (1968), era construída para submeter os sujeitos à degradação, à miséria, pois estes eram sem luz, sem pão, sem carvão. Estabelecia-se o esfacelamento humano através da posse do outro. O mundo dividido em dois cria zonas habitadas por lixos, sobras que são parte do processo de legitimação da pobreza. Os valores e os mitos dos colonizados e a sua própria existência são ressignificados pelo colono como marca de indigência. Segundo Fanon (1968), o sistema de valores do opressor animaliza o colonizado, e este, ao descobrir que não é um animal, começa a repensar as amarras lançadas, colocando em questão os valores impostos pela opressão colonial. Assim, a construção do ser negro em oposição à dominação colonial fez com que despertassem a negritude e a sede de mostrar aos europeus a existência de uma cultura negada, a cultura africana.

quando se tornam desejosos de terem os cabelos lisos da Barbie, a pele clara, os olhos azuis, que caracterizam as princesas europeias. O cabelo e a cor da pele são símbolo de identidade, mas dentro da educação que nós, negros, recebemos, os nossos cabelos e cor de pele precisam se aproximar de um padrão branco. Em outras palavras: somos condicionados a embranquecer. Os conflitos em torno da nossa estética estão para além dos padrões de beleza, pois sustentam a ideia do branco como padrão de humanidade. A sociedade brasileira nos fornece logo no início dos nossos primeiros passos, histórias tristes que cristalizam a ideia do escravo submisso e do senhor bondoso, responsável por relações harmoniosas. Essas narrativas marcam uma única referência, trazendo a mensagem de que os papéis sociais já estão demarcados. As abordagens que as histórias e telenovelas fazem do personagem negro estão imbuídas da naturalização das desigualdades, nas quais ao negro cabe sempre o papel de sujeito promíscuo, marginal, de empregado doméstico, segurança, que muitas vezes aparece na trama sem um núcleo familiar. Essas construções televisivas contribuem para fortalecer no imaginário social o racismo e a desvalorização de nós, negros, como sujeitos desprovidos de beleza, cultura e história.

Diante desse quadro, a escola encontra-se como uma das formas de legitimação das construções sobre o negro a partir da visão do branco. A criança negra ao não encontrar representatividade em seu espaço, cresce desejando ter a “alma branca”, a estética branca. Dentro desse quadro, os negros aparecem como construtores de estratégias para romper com o racismo. A estética negra surge, então, como resistência identitária. O corpo toma funções para além da aparência, pois é politizado em meio à busca de se aceitar enquanto negro, detentor de raízes culturais africanas e de memórias diaspóricas forjadas na luta.

O movimento negro e os coletivos contribuem fortemente para gerar a consciência do negro a respeito dos discursos racistas. A valorização da estética negra é algo que incide positivamente sobre a relação do negro com sua própria imagem. A construção de um contradiscurso é, sobretudo, uma forma de destacar e denunciar os males do racismo, fazendo com que sejam trilhados novos rumos para a reeducação das relações raciais. Em nossa sociedade, os negros sempre se articularam em prol de mudanças e da liberdade. Como exemplo desse processo, cito: os Quilombos que foram verdadeiros redutos de luta; a Revolta dos Males, ocorrida em 1835, em Salvador, promovida por escravos de origem Islâmica, que teve como proposta a libertação dos escravos; no Rio de Janeiro houve a Revolta da Chibata, em 1910, promovida pelo Marinheiro João Candido, que reivindicava o fim dos castigos impostos; nos anos de 1930, surgiram os movimentos negros e a imprensa negra. Esses espaços se constituíram como um importante mecanismo na conscientização do povo negro

sobre as mazelas sofridas, sobre as condições de vida e necessidade de mudanças através da educação, eleita pelo movimento negro como forma de mobilidade social.

Os anos de 1960 e 1970 foram de grande importância no país, o Movimento *Black Power*, que ocorreu nesse período nos Estados Unidos (destacou o orgulho racial e a formação de instituições políticas e culturais negras), tendo forte influência no Brasil. Nesse caminho, nasce a Constituição de 1988 tornando o racismo crime inafiançável. A trajetória do povo negro é atravessada por muitos ganhos, o reconhecimento do racismo abre espaço para as discussões a respeito da desigualdade racial que opera na sociedade brasileira e a necessidade das políticas públicas específicas para a construção de justiça social. No âmbito das ações afirmativas, foram implementadas políticas de valorização da história e da cultura negra; no ensino superior foi criado o sistema de cotas, que busca uma maior inclusão de negros no espaço da universidade. A questão do racismo e da discriminação racial como mecanismos acarretadores da trajetória do povo negro no Brasil passou a fazer parte da agenda governamental.

O racismo estruturante provoca um abismo social entre brancos e negros que são fixados ao longo do tempo na vida dos indivíduos. Assim sendo, no campo da educação tem-se a evidência de diferenças entre negros e brancos no acesso e permanência dentro do sistema escolar. Nessa perspectiva, é evidente que a cor no Brasil propicia ao sujeito o acesso desigual à cidadania, além disso, os problemas derivados do racismo institucional tendem a reforçar o quadro social do povo negro.

Atualmente, as novas tecnologias, como a internet, se apresentam como um importante meio de denúncia e de combate ao racismo. Os *sites*, *blogs* e comunidades se configuram como uma ferramenta de discussão dos temas que percorrem nossas vidas, criando novas metodologias para se abordar a temática. As discussões sobre a importância da ocupação dos espaços como a universidade, por exemplo, são questões presentes nesse universo que reivindica representatividade. O empoderamento da mulher negra através da tomada de consciência sobre o sistema opressor em que vivemos está entre um dos vários ganhos desses coletivos para o combate ao racismo. Nesse sentido, as páginas sociais são palco de chamadas *on-line* para encontros que visam fortalecer e efetivar mudanças positiva para os seguimentos da população historicamente excluídos.

A escola é um importante meio para se firmar a quebra dos padrões estéticos, que convencionam a criança negra precocemente a adotar as máscaras brancas. É necessário que em seu espaço sejam legitimados os valores, a história e a cultura de todos os grupos. Desse

modo, ela estará desarticulando as ideologias racistas, valorizando a identidade do aluno e promovendo a discussão da formação histórica e cultural da sociedade brasileira.

2.2 Apresentando o campo de investigação

O lugar onde a história começou tem seus percalços, desafios diários, e faz parte de uma grande comunidade localizada no bairro da Pavuna, Rio de Janeiro, cercada por três outras grandes comunidades que possuem escolas, creches e hospitais no entorno. Há também pequenos comércios rodeados por casas antigas. Numa das ruas, situa-se a Arena Carioca Jovelina Pérola Negra³³, que oferece seu espaço para as apresentações de dança das escolas municipais da região. A creche onde a pesquisa foi realizada é do município do Rio de Janeiro, se situa na Pavuna. Essa unidade educacional tem várias vias de acesso, sendo que a principal é feita por uma rua com alguns buracos e casas construídas sem divisões, com pouca distância entre si. Há seis salas normais e multiuso, refeitório, dois solários e um grande pátio, que apresenta velocípedes, gangorras e um pequeno balanço.

A pesquisa apresentada é um estudo etnográfico de abordagem qualitativa e utiliza a entrevista semiestruturada e a observação participante como subsídios para o tratamento da questão racial. As entrevistas têm como objetivo a descrição das relações estabelecidas entre a equipe de cuidadores (auxiliares de creche) e os educadores e as crianças da creche, enfatizando as percepções desses adultos sobre o cabelo das crianças negras, visto que o cabelo é considerado um dos marcadores étnico-raciais, assim como um elemento usado para hierarquizar, discriminar e segregar a criança negra.

O espaço escolar investigado é também o local onde trabalho como professora de educação infantil. Busco, assim, adentrar nas entrelinhas desse ambiente, seguindo os princípios da etnografia. De acordo com Giddens (2005, p. 514), “a pesquisa etnográfica procura revelar os significados que sustentam as ações sociais; é feita através do envolvimento direto do observador nas interações que constituem a realidade social para o grupo estudado”.

O ambiente em que leciono faz parte de minha trajetória como educadora há dois anos. Desenvolvo um trabalho com a educação infantil na faixa de 0 a 3 anos de idade e faço atualmente a pesquisa na sala do berçário, que atende crianças de 6 meses a 1 ano e 11 meses

³³ Trata-se de um novo espaço cultural da zona norte do Rio de Janeiro. Ver: <<https://pt-br.facebook.com/ArenaJovelinaPerolaNegra/>>. Acesso em: 2 mar. 2015.

de idade. Nesse espaço, estou na condição de pesquisadora, mulher e negra. A função de profissional da educação, que convive diariamente com o objeto pesquisado, é um desafio constante, pois estou lidando de forma próxima com sujeitos que são parte de minha realidade.

O cabelo crespo é um dos marcadores de identidade racial. A observação feita em sala de aula pretende responder como as crianças negras são educadas, cuidadas e valorizadas pelos adultos e, sobretudo, se os adultos têm determinadas falas que indiquem a presença do racismo no ambiente. A investigação visa descobrir como os bebês de cabelo crespo são vistos e educados pelos profissionais da educação. Os dados serão reunidos através das observações feitas no cotidiano da creche. A pesquisa busca analisar como são tratados os cabelos crespos dentro do âmbito escolar. O material será examinado a fim de constatar se os sujeitos adultos valorizam os marcadores de identidade étnico-racial da primeira infância em suas ações, nas falas e até nos silêncios. A entrevista, enquanto um dos recursos utilizados, gera questões que objetivam abordar a temática do cabelo crespo na primeira infância e a formação identitária dos bebês negros, através da ação dos educadores e de seus pais. Os resultados esperados são pertinentes à compreensão das relações raciais, tendo como foco a questão dos cabelos crespos e a educação dos corpos negros no âmbito da creche. A abordagem do tema “cabelo” dentro do espaço educativo tem como perspectiva o conhecimento sobre a questão racial na educação infantil. Nesta investigação, tive como foco a construção de uma educação antirracista.

O capítulo seguinte versa sobre os antecedentes responsáveis pela continuação da pesquisa a respeito das relações raciais na educação infantil. Nele destaco o trajeto percorrido dentro do universo da pesquisa em um campo conhecido, assim como estabeleço a descrição do cenário observado e das questões pertinentes aos marcadores de identidade étnico-racial na primeira infância que guiam o estudo.